

## **A poetagem bonita: edição de livro inédito de Mário de Andrade**

*Marina Damasceno de Sá*

### **Resumo**

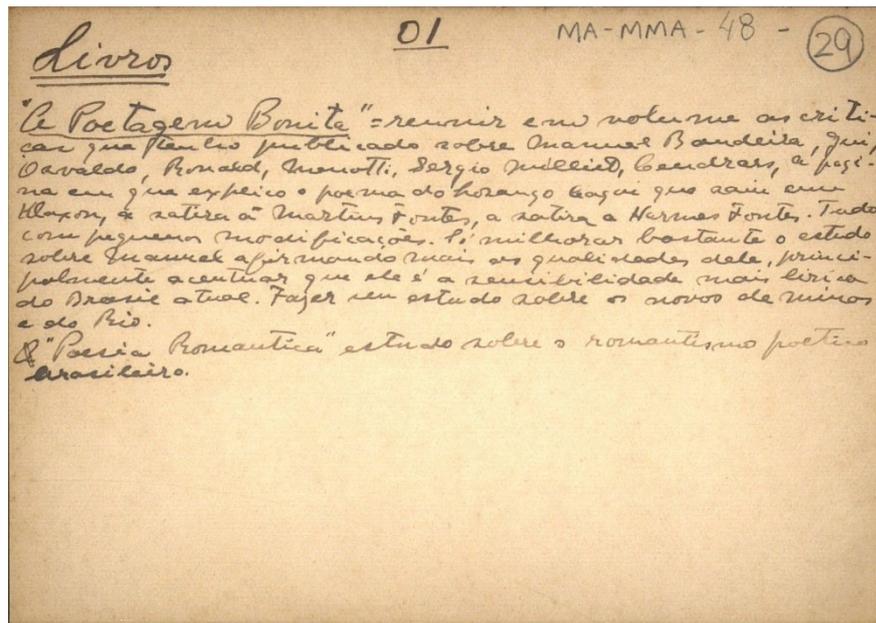
No fichário analítico de Mário de Andrade, conservado no arquivo do escritor no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP), encontra-se o plano de *A poetagem bonita*, manuscrito inédito do autor de *Macunaíma*, que reuniria, em livro, críticas de sua autoria dedicadas a Guilherme de Almeida, Oswald de Andrade, Ronald de Carvalho, Menotti Del Picchia, Sérgio Milliet, Blaise Cendrars e Manuel Bandeira. *A poetagem bonita* traria igualmente sátiras a Martins e Hermes Fontes, um estudo sobre “os novos de Minas e do Rio” e artigo em que explica “o poema do *Losango cáqui* que saiu em *Klaxon*”. No manuscrito, Mário de Andrade registra a intenção de escrever também um livro sobre a *Poesia romântica*, “estudo sobre o romantismo poético brasileiro.” O projeto de pesquisa em andamento pretende efetivar a edição fidedigna e anotada de obra inédita de Mário de Andrade, cuja história e linhas gerais de construção conservam-se no arquivo do escritor, bem como realizar o estudo crítico do material, com o intuito de ampliar a fortuna crítica da literatura modernista brasileira.

### **Palavras-chave**

Mário de Andrade; *A poetagem bonita*; acervo; edição

---

1 Doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (bolsista Capes). E-mail: marina.sa@usp.br.



Arquivo IEB-USP/Fundo Mário de Andrade

Um registro de Mário de Andrade em seu *Fichário Analítico* apresenta dois livros que permaneceram inéditos: *A poetagem bonita* e *A poesia romântica*. De acordo com o plano, *A poetagem bonita* deveria concretizar-se em volume que reuniria crítica sobre Manuel Bandeira, Guilherme de Almeida, Oswald de Andrade, Ronald de Carvalho, Menotti del Picchia, Sérgio Milliet, Blaise Cendrars; sátiras a Martins e Hermes Fontes; um estudo sobre “os novos de Minas e do Rio”; além de página explicando “o poema do *Losango cáqui* que saiu em *Klaxon*”.

O primeiro livro distingue autores, enquanto o segundo sugere um estudo sobre o romantismo poético brasileiro. A ausência de datação no manuscrito é em parte suprida pelas datas de publicação dos artigos, por depoimentos em entrevistas e por testemunhos deixados na correspondência do escritor. Em carta posterior a 11 de maio de 1925 a Manuel Bandeira, Mário de Andrade confirma sua intenção de realizar os livros:

Você me fala dum estudo meu sobre o Romantismo brasileiro. Já pensei nisso muitas e muitas vezes. É possível que o realize um dia. Já tenho até algumas notas sobre isso. Isto é, sobre uma coisa um pouco mais larga e de que desisti: uma História crítica da poesia brasileira até nossos dias. É grande e dificultoso por demais pra mim que já tenho tanto que fazer. Fica a ideia do Romantismo de pé e de um outro livro com o lindo nome *Poetagem bonita*, em que reunirei os estudos que for publicando sobre

os chamados modernistas brasileiros. [...] Esses dois livros ficam de pé. (ANDRADE, 2001, p. 210).

O número 3 da revista carioca *Estética* estampa textos de Mário de Andrade: “Noturno de Belo Horizonte”, “Carta aberta a Alberto de Oliveira”, notas críticas sobre Blaise Cendrars e Guilherme de Almeida. Desta última, transcrevo trecho elucidativo sobre o título do livro e o emaranhado de poetas:

O lirismo de Guilherme de Almeida é dos mais raros e originais que conheço. [...] Essa superioridade provém, creio, dele não se conservar no ambiente de espiritualidade à força que nem os outros porém aplicar *a poetagem bonita* [grifo meu] a uma realidade física que a torna imediatamente verossímil compreensiva e sensibilizante. No domínio das artes não encontro senão um homem que iguale Guilherme sob esse aspecto, Debussy o poeta de mais descabido rótulo deste mundo, impressionista! Que conseguiu fazer da arte dele uma divina impostura da realidade. Guilherme de Almeida é tal qual Debussy um divino impostor. [...] (ANDRADE, 1925, p. 298-99)

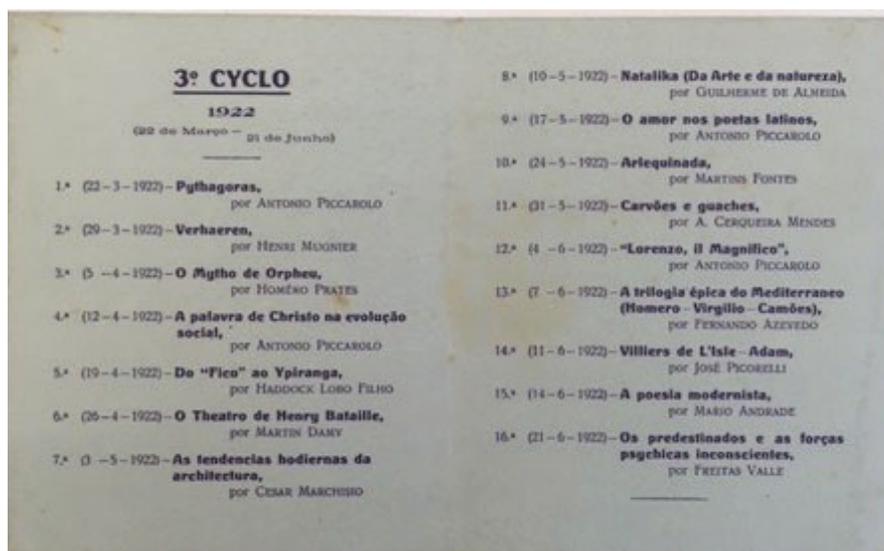
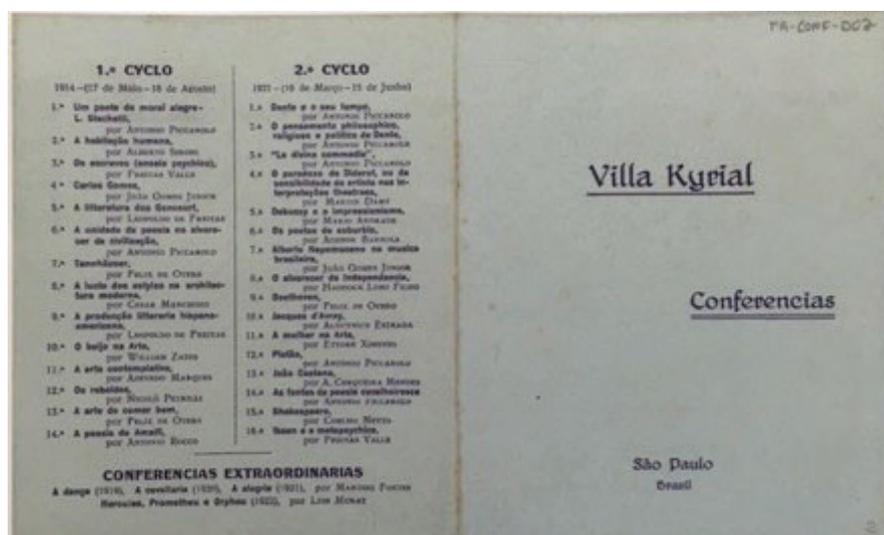
Guilherme de Almeida não é o único poeta comparado a Debussy pelo polígrafo paulista. Na biblioteca de Mário de Andrade, localizamos o referido “estudo global” sobre Manuel Bandeira na *Revista do Brasil*. O artigo, nesse exemplar da revista, traz rasuras (supressões, substituições e acréscimos), instituindo uma nova versão do texto, provavelmente para a inclusão em *A poetagem bonita*:

Eu creio que já se sabe: Manuel Bandeira foi o primeiro a empregar o verso-livre no Brasil. Me parece que ninguém lhe disputará esse mérito histórico. Foi com “Debussy”, poema de que já muito riu a *Revista do Brasil*, que se afoitou nessa picada. Manuel é como Debussy. Aqueles acordes vagos, aquela ausência de tonalidade firmada nítida, aquela fluidez, diafaneidade que qualquer sol carioca afugenta. Essa poesia de conversa ou de vibração interior delicadíssima não sabe soprar na inúbia belicosa dos tupis, é indiscutível. (ANDRADE, 1924, p. 222)

Debussy também comparece no “Prefácio interessantíssimo” de *Pauliceia desvairada*: “Os músicos desprezam Debussy, genuflexos diante da polifonia catedralesca de Palestrina e João Sebastião Bach. A poesia...” (ANDRADE, 1922, p.9). Segundo Telê Ancona Lopez, organizadora de *Entrevistas e depoimentos*, Mário de Andrade proferiu, em 1921, no segundo ciclo de conferências da Vila Kyrial: “Debussy e o impressionismo” e,

em 1922, no terceiro ciclo: “A poesia modernista” (LOPEZ, 1983, p. 7), enquanto Martins Fontes apresentou: “Arlequinada”, título do livro do poeta santista que renderia sátira homônima de Mário de Andrade publicada no número 8-9 de *Klaxon* incluída em *A poetagem bonita*:

Quando Arlequin aparece, quis o Dr. Martins Fontes meter-se em versos de metro vário. Foi um desastre. Raro conseguiu um ou outro efeito rítmico interessante. Desiluda-se o aplaudido alópata. Continue no alexandrino e no octossílabo que são mais fáceis. Deixe o ritmo dos versos de metro vário para os poetas. Este gênero requer uma sensibilidade finíssima, que o dr. infelizmente não possui. Possui, e em abundância, essa rima rica da sensibilidade que se chama a sentimentalidade. (ANDRADE, 1922/1923, p. 29-30)



Arquivo IEB-USP/Fundo Mário de Andrade

No “Prefácio interessantíssimo”, anterior a sátira “Arlequinada” em *Klaxon*, Mário menciona Martins Fontes como um dos exemplos de epígonos da poesia parnasiana/simbolista: “Os srs. Laurindo de Brito, Martins Fontes, Paulo Setúbal, embora não tenham evidentemente a envergadura de Vicente de Carvalho ou de Francisca Júlia, publicam seus versos. E fazem muito bem. Podia, como eles, publicar meus versos metrificadas”. (ANDRADE, 1922, p. 12)

Mário da Silva Brito, na *História do modernismo brasileiro*, citando Andrade Muricy, comenta a poesia apoiada na influência parnasiana e simbolista que “apesar de não haver ainda uma corrente intelectual bem definida, senão apenas uma tendência mundial para um amplo espiritualismo”, o crítico nota que já vão aparecendo algumas “individualidades de mérito efetivo”, dentre as quais Hermes e Martins Fontes (BRITO, 1968, p. 63). A “Carta aberta a Alberto de Oliveira”, publicada no número 3 de *Estética*, oferece mais uma peça na recomposição deste quebra-cabeça textual:

Alberto de Oliveira me desculpe: o senhor, os senhores são culpados. Recalcaram o lirismo bonito que tinham dentro do coração e o que é muito pior, com o mau exemplo de artífices cueras que foram, azararam pelo menos duas ninhadas de poetas brasileiros. Os senhores têm a culpa dos Hermes Fontes, dos Martins Fontes tão pouco fontes. (ANDRADE, 1925, p. 332-39)

Hermes e Martins Fontes são citados na carta como maus escritores, lidos sob o viés da sátira constituem leituras em negativo dos valores da poesia de vanguarda. Em “Osvaldo de Andrade”, publicado na *Revista do Brasil*, Mário opõe sentimentalidade a trabalho consciente. Para ele, a finalidade do grupo modernista, enquanto não-escola, era criticar a realidade brasileira, gerar uma consciência nacional “íntima, popular e unânime”, diversa da sentimentalidade do Romantismo que não estava restrito à escola literária, mas ao espírito romântico. Esclarecerá, nessa direção, em 1942, na conferência “O movimento modernista”:

O espírito revolucionário modernista, tão necessário como o romântico, preparou o estado revolucionário de 30 em diante, e também teve como padrão barulhento a segunda tentativa de nacionalização da linguagem. A similaridade é muito forte. Esta necessidade espiritual, que ultrapassa a literatura estética, é que diferencia fundamentalmente Romantismo e

Modernismo, das outras escolas de arte brasileiras. (ANDRADE, 2002,  
p. 274)

## Referências bibliográficas

ANDRADE, Mário de. “O movimento modernista”. In: \_\_\_\_\_. *Aspectos da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

\_\_\_\_\_. *Paulicea desvairada*. São Paulo: Casa Mayença, 1922.

\_\_\_\_\_. Manuel Bandeira. *Revista do Brasil*. São Paulo, set.-dez., 1924, p. 214-224.

\_\_\_\_\_. Osvaldo de Andrade. *Revista do Brasil*. São Paulo, set.-dez. 1924.

BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978, p. 63.

*Estética*. Rio de Janeiro. A.II, v.1, nº3, abril-jun., 1925.

*Klaxon*. São Paulo. nº 4, 6, 7, 8 e 9, ago., out-nov, 1922; dez-jan, 1923.

LOPEZ, Telê Ancona (Org.). *Entrevistas e depoimentos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.

MORAES, Marcos Antonio. (Org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. 2ª ed. São Paulo: EDUSP/IEB, 2001.

SANTIAGO, Silviano (Org.). *Correspondência Carlos & Mário*. Rio de Janeiro: Bem-te-vi Produções Literárias, 2002.